

## O desenvolvimento das línguas ao longo da evolução da humanidade

### Lays Christine Santos de Andrade

Graduanda de Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Parnaíba*  
Biomédica pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus Parnaíba*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8919-1533>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7986074652177977>

E-mail: [laysandrade24@gmail.com](mailto:laysandrade24@gmail.com)

### Renata Cristina da Cunha

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Professora do Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Parnaíba*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1968-3142>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1215596443300304>

E-mail: [renatasandys@hotmail.com](mailto:renatasandys@hotmail.com)

### Resenha de:

JANSON, Tore. **A história das línguas**: uma introdução. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

Tore Janson é um linguista e professor sueco que ensinou Latim e línguas africanas na Universidade de Gotemburgo. Atualmente é filiado ao Departamento de Linguística da Universidade de Estocolmo. Seu foco de estudo é a relação entre sociedade e língua e como esta relação tem se modificado ao longo da história.

O livro *A História das Línguas: uma introdução* está estruturado em dezessete capítulos, divididos em seis partes, uma interligada à outra, nos quais são apresentadas as mudanças sofridas pelas diferentes línguas ao redor do mundo, ao longo da história. No fim de cada parte, são apresentadas sugestões de leitura e revisão de conteúdo do assunto abordado naquela parte. O fim do livro traz anexos interessantes sobre cronologia, listas, mapas e tabelas, orientações para a revisão do conteúdo do livro, além das referências bibliográficas e de um índice remissivo.

No capítulo 1, *Línguas ágrafas*, que marca o início da *Parte I – Antes da História*, o autor apresenta os possíveis meios de surgimento da língua, usa como exemplos a Bíblia e a teoria da evolução, além de discorrer sobre o raro sistema linguístico das línguas usadas pelos coletores-caçadores e povos da Austrália. Janson cita as línguas *khoisan* como exemplo de família linguística com muitos falantes, mas quase inexplorada pela falta de uma forma escrita, tópico que inicia a discussão que o autor quer introduzir: a de que uma língua só é reconhecida após ser nomeada, pois a língua é um fato social e político, é a identidade e cultura de um povo.

Ainda no capítulo 1, o autor faz uma estimativa para o tempo de existência do tipo de língua que utilizamos e traz evidências históricas embasadas em estudos de arqueólogos. No entanto, os exemplos de povos que construíam ferramentas e criavam obras de arte há quarenta mil anos com necessidade se comunicar para expressar sua arte e povos que

construíram ferramentas há dois milhões de anos sem necessidade de comunicação por meio da fala fazem o leitor imaginar cenários distintos acerca do aparecimento da língua, questionando o papel da fala como um instrumento essencial para a comunicação. O autor responde a este questionamento, confirmando a possibilidade de ambos os exemplos serem reais, ou seja, sua conclusão é imprecisa, já que pesquisas a respeito da época do surgimento da língua falada ainda estão em andamento.

O capítulo 2, *Os grandes grupos linguísticos*, traz como questão central os motivos que levaram à formação desses grupos, discorrendo sobre os tipos de grupos linguísticos e apresentando, didaticamente, as conquistas de território e a agricultura como os motivos pelo qual uma língua se difunde e outra não. Com clareza, relaciona os grupos linguísticos à difusão das diferentes culturas, trazendo um teor histórico para a leitura. Ao final do capítulo, o autor afirma que não é possível reestruturar uma língua original porque ela seria completamente diferente das línguas utilizadas atualmente, especialmente no que diz respeito ao vocabulário. Este posicionamento de Janson vai de encontro ao posicionamento de linguistas históricos que não aceitam tal teoria porque, para eles, é viável a ideia da existência de uma protolíngua cuja reestruturação seria possível a partir das línguas existentes.

No capítulo 3, *História e escrita*, que inicia a *Parte II – A base da história*, o autor defende a origem autônoma da escrita e cita os possíveis locais que ele crê serem prováveis berços dos sistemas escritos. Esse capítulo serve como uma introdução para o livro e traz um resumo sobre o assunto abordado nos demais capítulos, pois, segundo Janson, a obra trata apenas da história das línguas no Ocidente, muito embora, em seguida, ele acrescente que o livro traz dois capítulos sobre a evolução histórica das línguas no Oriente.

O capítulo 4, *Os hieróglifos e o egípcio*, é centrado na língua egípcia e na sua forma escrita, a hieroglífica, e nas mudanças ao longo do tempo, citando a concorrência do grego após a conquista de Alexandre. Apresenta o Princípio de Rébus e demonstra, por meio de figuras, as representações das palavras naquela época, proporcionando ao leitor amplo conhecimento acerca de sistemas de escrita, diferentes dos utilizados atualmente.

No capítulo 5, *Chinês – o mais antigo sobrevivente*, o foco é o papel da escrita na sociedade chinesa. Nele, o autor aborda as mudanças ocorridas do chinês antigo para o atual, bem como a diferença no desenvolvimento das formas escritas e faladas. Aponta, com sucesso, a situação política do Estado como uma das causas de sucesso no desenvolvimento da língua, uma vez que a China existe como Estado há mais de três mil anos e, devido à expansão cultural e territorial, a mesma língua vem sendo falada por muitas pessoas desde então.

A *Parte III – Expansões* começa com o capítulo 6, *Grego – conquista e cultura*, que apresenta a língua grega desde os poemas de Homero até a atualidade, de forma detalhada e cheia de exemplos históricos. O autor afirma que, quando uma palavra é herdada por uma língua, traz consigo parte da cultura da língua de origem, aumentando sua funcionalidade. O grego, nos primeiros séculos, possuía vários dialetos, porém uma língua escrita comum, o que facilitava a leitura de textos poéticos e oficiais. No capítulo anterior, o autor havia

afirmado que a política é responsável pelo bom desenvolvimento de uma língua, porém aqui ele recua e observa que a Grécia tem um status cultural tão poderoso que a língua conseguiu se manter mais forte do que o poder político, além de não enfatizar a associação entre política e cultura, pois é fato que ambas estão inter-relacionadas.

No capítulo 7, *Latim – conquista e ordem*, o autor compara, satisfatoriamente, ainda que brevemente, o grego antigo e o latim da época do Império, que era uniforme, pois se baseava na forma falada e escrita em Roma, apontando a sua evolução diante de invasões e conquistas. O latim continuou sendo a língua escrita após o declínio do Império devido à influência da Igreja, porém com vários dialetos e contribuindo para muitas palavras usadas no inglês atualmente.

O capítulo 8, *Árabe – conquista e religião*, mostra como uma religião pode influenciar no desenvolvimento de uma língua. Aqui fica claro que existia, na época do Império, uma língua árabe escrita que era comum a todos, a mesma utilizada na escrita do Corão. O autor faz uma interligação entre os três capítulos da Parte III, apontando as expansões das três línguas abordadas, em diferentes épocas, mostrando que uma língua consegue se estabelecer em novas áreas desde que tenha religião, poder político ou cultura fortes o bastante para controlar certos setores da sociedade. Aqui, no entanto, Janson se contradiz quando, no capítulo 7, se posicionou contra a troca de línguas que acontece quando as pessoas começam a aprender e ensinar outras línguas mais usadas e deixam de utilizar sua língua original, pois, para ele, com esse processo a cultura pode vir a desaparecer juntamente com a língua original. No entanto, deixa claro, no capítulo 8, que, devido às conquistas territoriais, as línguas se difundiram para mais lugares, o que possibilitou uma troca de línguas, considerada vantajosa para a economia, a cultura, a educação e a tecnologia, beneficiando a diversidade linguística.

No capítulo 9, *Dante escreveu em italiano?*, que inicia a *Parte IV – Línguas e nações*, Janson começa advertindo que uma língua não se torna outra pela mudança do som ou das palavras, mas somente quando seus falantes afirmam que mudou, ou seja, defende que uma língua só passa a ser reconhecida quando recebe um nome. Cita Dante Alighieri como o primeiro planejador linguístico da língua italiana, mesmo o escritor não tendo atribuído um nome à língua, e menciona suas pesquisas sobre qual língua deveria ser a italiana.

No capítulo 10, *Do germânico ao inglês moderno*, é descrita a saga dos povos Anglo e Saxão pelas Ilhas Britânicas, com o surgimento de uma nova língua, o anglo-saxão, após a expansão dos povos pela ilha. Janson comenta a escrita em runas, usada pelos povos germânicos, fazendo uma comparação com a escrita da língua latina, enfatizando o uso desta pela Igreja e volta a mencionar que a política tem influência direta sobre o desenvolvimento e oficialização de uma língua. O autor faz um breve e interessante relato histórico sobre o possível surgimento do inglês, citando as ações do Rei Alfredo, a ascensão do francês e o retorno do inglês por volta de 1350 para um rápido desenvolvimento da língua escrita.

O capítulo 11, *A era das línguas nacionais*, apresenta conceitos das línguas nacionais. O autor ressalta que, em virtude de ainda ser dominante tanto na Igreja quanto na educação

nas escolas, o latim exercia grande influência sobre as línguas nacionais, que vinham ganhando força na literatura. Na questão política, Janson afirma que as línguas competiam entre si e ditavam qual Estado era o mais importante. Não obstante, no capítulo 5, *Chinês – o mais antigo sobrevivente*, o autor se contradiz quando declara que a política é o fator determinante para o desenvolvimento e o sucesso de uma língua.

A *Parte V – A Europa e o mundo* trata das transformações linguísticas mais importantes do mundo nos últimos 500 anos. Tem início com o capítulo 12, *Línguas da Europa e do mundo*, no qual são evidenciadas as três principais línguas da Europa, o inglês, o espanhol e o português que, segundo o autor, cresceram substancialmente com as grandes navegações. O pesquisador ressalta o motivo pelo qual cada uma delas obteve sucesso nos locais de colonização, apesar da concorrência com o latim, resumindo os principais eventos e suas consequências, tornando o capítulo mais rico e levando o leitor a relacionar a história das grandes navegações com os destaques das três línguas mencionadas no capítulo.

O capítulo 13, *Como as línguas nascem – ou são feitas*, enfoca as novas línguas criadas e os motivos que levaram a esse acontecimento. Nele, o autor trata das línguas crioulas e relaciona a troca ou criação de uma nova língua após uma situação extrema, nesse caso, a escravidão, que levou os escravos a adotarem novas formas de comunicação. Ainda discorre sobre o haitiano e o norueguês e como essas línguas são reconhecidas pelos seus povos, reforçando o que vem defendendo ao longo do livro: uma língua só é oficial quando seu povo a reconhece. Aqui, Janson é , novamente, repetitivo ao tratar da relação entre línguas e suas origens.

No capítulo 14, *Como as línguas desaparecem*, o foco é o desaparecimento das línguas por serem instáveis. Apresenta uma análise das situações de diversas línguas nos diferentes continentes, concluindo que em todos há uma grande perda no número de línguas. Janson ressalta o ressurgimento de uma língua, exemplificando com o Hebraico e justificando, satisfatoriamente, a sua aversão pelo termo **morte da língua**, optando pelo uso do termo **troca de línguas** porque, segundo ele, uma língua não morre porque deixou de ser usada, principalmente quando sua forma escrita é preservada por documentações. Vale ressaltar que a repetição das ideias torna a leitura deste capítulo monótona e desinteressante.

O capítulo 15, *O apogeu do inglês*, aborda os motivos do sucesso do inglês como língua internacional, liderando o ranking de língua estrangeira mais ensinada no mundo. Nele, Janson afirma que nenhuma língua é neutra e que o inglês empresta palavras para várias línguas, citando a França como exemplo de país que resiste à Língua Inglesa e a Índia e Nigéria como países que adotaram o inglês como língua de instrução, de uma forma didática. Ao final do capítulo, o autor questiona se o chinês se tornará a língua internacional no lugar do inglês, despertando a curiosidade do leitor, deixando-o mais interessado na leitura do próximo capítulo.

O capítulo 16, *Chinês e inglês na China*, trata da China e de como o inglês é visto em uma sociedade que até então vinha se fechando para o mercado ocidental. A língua chinesa de hoje difere do chinês antigo, pois o chinês passou por uma reforma no sistema de escrita

e os caracteres tradicionais foram simplificados. No que diz respeito ao chinês falado, havia vários dialetos, mas com a intervenção do Estado foi estabelecida uma pronúncia comum. O mandarim, que é a língua oficial da China, passou a ser ensinada oficialmente e obrigatoriamente nas escolas do país. O que deixa o capítulo interessante é como o autor demonstra que o inglês vem crescendo na China, em virtude da globalização, citando vários exemplos de onde o inglês está inserido. No entanto, em partes específicas do texto, Janson se contradiz e fica clara sua opinião negativa quanto à substituição do chinês pelo inglês na China. Por fim, ele responde à pergunta feita no capítulo 15: não há razões para acreditar que o chinês se torne uma língua internacional em um futuro próximo.

*O que vem por aí?* é o último capítulo do livro, com caráter especulativo, uma vez que o autor tenta prever o futuro linguístico em três possíveis perspectivas, duzentos, dois mil e dois milhões de anos. Janson se contradiz em várias partes do capítulo, quando, em um momento, diz que em duzentos anos o inglês influenciará muitas línguas e, em outro, diz que provavelmente o inglês não se sustente como língua internacional, pois a situação política não favorece uma língua por tanto tempo, indo na contra mão do que discorreu ao longo do livro, ou seja, que a política influencia no desenvolvimento de uma língua, citando a China como provável substituta, mesmo tendo duvidado de tal previsão no capítulo anterior. Em dois mil anos, o autor deixa claro que novas línguas surgirão, com muitas variações na forma falada. No entanto, ele crê que a forma escrita não sofrerá uma mudança intensa. Por fim, faz uma previsão para daqui a dois milhões de anos, quando as línguas não se parecerão com as atuais de forma alguma e que os humanos, se não tiverem sido extintos pela degradação do meio ambiente, não falarão como nós, sendo assim, o fim da história das línguas.

A obra apresenta relevante embasamento histórico e disserta sobre o desenvolvimento das línguas, desde os primórdios da humanidade até previsões de um possível futuro linguístico. Uma dica é separar a leitura por partes, tornando-a mais agradável, didática e de fácil de entendimento. Se, por um lado, o uso de vários exemplos relacionados ao conhecimento do leitor fortalece a compreensão das ideias discutidas, a repetição de informações e contextos cria confusão em certos momentos. Além disso, algumas passagens poderiam ser simplificadas, por exemplo, quando o autor estima quando ocorreu o aparecimento das línguas tal como conhecemos atualmente, ou quando retoma, ao longo do livro, as línguas e suas origens após ter chegado a conclusões sobre esse assunto.

Em síntese, a leitura da obra *A História das Línguas: uma introdução* é indicada e indispensável para estudantes universitários e professores de Letras Português, de Línguas Estrangeiras e de História, visto que Janson demonstra, com embasamento teórico e histórico, como línguas vivas sofreram modificações ao longo da evolução humana e que, por isso, vivem em constante transformação, do mesmo modo, agrega conhecimento extra sobre a história da formação, desenvolvimento e desaparecimento das línguas.

### **Agradecimentos**

Agradeço à Universidade Estadual do Piauí, ao professor Ruan Nunes Silva e à orientadora Renata Cristina da Cunha por me auxiliarem nas pesquisas, leituras e na elaboração de trabalhos para o enriquecimento curricular, me proporcionando crescer na área acadêmica.

### **Como citar**

ANDRADE, Lays C. S.; CUNHA, Renata C. O desenvolvimento das línguas ao longo da evolução da humanidade. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 143-148, jan./jun. 2020.